

Discurso Reitor [01.03.2023]

Citius, Altius, Fortius – Communis: mais rápido, mais alto, mais forte – juntos!

O mandato reitoral que ontem terminou é prova disso mesmo: sem uma Academia unida, solidária, construtiva, empenhada e resiliente, não teria sido possível ultrapassar coletivamente tantos desafios inesperadamente impostos ao longo de um percurso digno de uma maratona. Se queremos avançar rapidamente, vamos sozinhos; mas se a nossa ambição é ir mais longe, temos de nos apoiar no coletivo, tendo o cuidado de nunca deixar ninguém para trás.

E é com um emocionado agradecimento que me dirijo a todos vós, independentemente da faixa etária, função ou experiência, por serem parte da Universidade de Coimbra e terem contribuído, mesmo nos tempos mais sombrios, para que a nossa instituição continuasse a funcionar, progredir e impactar um mundo que tanto carece de esperança e de soluções para problemas que parecem diariamente multiplicar-se.

A pandemia provocada pela COVID-19 testou-nos para além dos nossos limites. Saímos mais fortes, é certo, mas há marcas que ficaram de uma gestão muito complexa e emocionalmente desgastante. Colocando a segurança da comunidade académica em primeiro lugar, resistimos por estarmos sempre à frente dos acontecimentos, orientando a nossa ação para a preparação de um futuro pós-pandémico. A paz social vivida nestes anos de convivência com um vírus desconhecido foi um ingrediente fundamental para nos modernizarmos, enquanto combatíamos essa insidiosa ameaça. Novas vagas pandémicas poderão surgir futuramente, mas a experiência e o conhecimento acumulados ao longo deste período permitirão que a UC esteja mais bem posicionada para as enfrentar sem o mesmo nível de constrangimentos.

Quando se pensava que tínhamos finalmente sob controlo a crise de saúde pública, eis que surge o hediondo episódio da invasão da Ucrânia pela Rússia. Desde as vítimas desta tragédia aos deslocados que lutam pela sobrevivência, não há palavras para descrever os perniciosos efeitos das práticas belicistas em pleno território europeu. Adensou-se assim a já existente crise socioeconómica, agravada com os elevados níveis de inflação, aumento significativo dos preços da energia, dos bens alimentares e da habitação, criando-se mais um novo momento de tensão nas nossas vidas.

Num mandato recheado de desafios singulares, o desaparecimento precoce do Presidente da Associação Académica de Coimbra, Cesário Silva, foi seguramente o momento mais duro que tivemos de enfrentar. Motivo de grande angústia, tristeza e revolta pela perda de um membro tão jovem da nossa família UC, mas com tanta importância pela pessoa que era e pelo que representava para todos nós. Uma vez mais contamos com a humanidade de uma Academia que chorou a morte de um dos seus, mas que nunca deixou de apoiar aqueles jovens que tinham de continuar o trabalho e o legado do Cesário, apesar do seu enorme sofrimento pessoal.

Como se tudo o que referi fosse pouco, ainda recentemente tivemos mais um revés com o incidente envolvendo uma estrutura de betão no edifício das cantinas azuis. Apenas por sorte não houve vítimas a lamentar, mas ficou muito claro que, apesar da imprevisibilidade da tragédia, temos de olhar para o nosso edificado com redobrada atenção. É que, se andamos a recuperar edificado com séculos de existência, importa lembrar que no Pólo I existem também muitos edifícios em fim de vida, diariamente utilizados por milhares de pessoas, e que estão igualmente englobados na zona classificada.

Está a ser feito um levantamento exaustivo dos problemas estruturais nos edifícios a que me refiro para podermos ter confiança na sua utilização plena por parte da comunidade académica. No entanto, temos de ir mais longe e, infelizmente, a UC não tem meios para poder fazer essa requalificação sem o apoio do Governo. Estamos a falar de uma comunidade que não andarão longe das 30.000 pessoas, pelo que irei fazer uma exposição à Tutela no sentido de podermos incluir no PRR uma verba que nos permita mitigar o problema.

Irei fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que todos nos sintamos em segurança nas nossas instalações, contando para esse efeito com o apoio da Comissão de Trabalhadores da UC e da Associação Académica de Coimbra.

Como se pode constatar, o contexto não poderia ter sido mais árduo. Para todos. Não só para mim, enquanto Reitor, ou para os membros da equipa reitoral. Todos, sem exceção, tivemos de conseguir gerir e ultrapassar uma provação sem igual no passado recente da UC.

Por tudo isto, não poderia deixar de me apresentar como recandidato a novo mandato, e julgo que o resultado eleitoral é bem demonstrativo do caminho que fizemos em conjunto. O reconhecimento dos tempos difíceis que atravessámos, sim, mas igualmente do muito e bom trabalho concretizado por todos nós. Com cerca de 90% do Plano Estratégico e de Ação do quadriénio 2019/2023 executado, o balanço do mandato que ontem terminou é manifestamente positivo e, principalmente, estruturante para as próximas décadas.

Temos de estar conscientes de que, embora existam fatores extrínsecos incontrolláveis ou impossíveis de antever, como sucede com e a localização geográfica e as políticas governamentais, sobra ainda assim um largo conjunto de fatores intrínsecos por explorar.

A consciencialização coletiva da necessidade de sermos inovadores e adotarmos um espírito reformista tem de ser a força motriz para um futuro que queremos seja cada vez mais promissor.

Sempre afirmei que as pessoas são o ativo mais valioso da UC constituindo-se como a força interna que nos motivou perante as adversidades. Ouvir o que pensam os estudantes valorizando as suas posições, proporcionar boas condições de trabalho aos investigadores, revalorizar a carreira docente universitária e acompanhar as ambições do corpo técnico foram pedras angulares do mandato cessante.

Começámos por adotar uma postura muito mais próxima, incentivando a comunicação interna, sem esquecer o posicionamento externo e o reforço da identidade UC. Neste último ponto, a criação do Núcleo de Marketing desempenhou um papel muito relevante para o crescimento da marca UC e, mais importante ainda, para a construção do sentimento de pertença a uma instituição inovadora e pioneira a nível nacional e internacional, sem nunca abdicar dos seus valores ou da sua história.

A constituição da Comissão de Trabalhadores contribuiu decisivamente para estes dois desígnios de proximidade e de identidade, pois ganhámos mais uma estrutura dentro de casa que é auscultada e, fruto de uma estreita colaboração, vê as suas legítimas reivindicações atendidas, no limite das possibilidades, com a tão saudável troca de pontos de vista, própria de uma instituição democrática. Conseguimos implementar medidas tão significativas como a revisão do regulamento de horários, com a introdução

de mais flexibilidade na gestão do tempo e capacidade de conciliação com a família, a introdução de uma redução nas propinas para os trabalhadores em todos os ciclos de estudo, o planeamento de um conjunto alargado de formações para atividades críticas dos recursos humanos, ou mesmo a melhoria das condições de trabalho. E, claro, paulatinamente rumamos a uma cultura organizacional onde o trabalho colaborativo entre os vários serviços deve ser a regra, contribuindo dessa forma para um considerável aumento dos resultados e da produtividade.

Mas não fugimos do problema central: a UC tinha – e ainda tem – necessidade de reforçar os seus recursos humanos, articulando esta tarefa com a urgência de proceder ao seu rejuvenescimento. Nunca colocando em causa quem possui mais anos de casa ou a rigorosa gestão financeira, se quisermos uma instituição sustentável em toda a linha e a avançar naquele que é um exigente panorama global, temos necessariamente de contratar e saber fazê-lo com qualidade, o que pressupõe também conseguir posicionar as pessoas onde, cumulativamente, se sentem mais realizadas e com a devida adequação das suas capacidades à função que vão desempenhar. Foram 257 docentes e investigadores de carreira (65 dos quais professores auxiliares e transitando de uma quota de 33.2% de professores catedráticos e associados para cerca de 50%), 152 investigadores doutorados ao abrigo do DL57, 74 entradas por tempo indeterminado nos quadros do corpo técnico e 75 trabalhadores em mobilidade intercarreiras.

A eficiência de todo o processo de contratações que temos vindo a desenhar é particularmente crítica quando estamos a atrair financiamento competitivo a um ritmo elevadíssimo, sendo não só crucial que o continuemos a fazer, mas também que o executemos da forma mais ágil que conseguirmos. Este é o caminho pelo qual acredito que a UC se pode afirmar cada vez mais como sendo uma Universidade de Investigação, sendo essa a única via para que nos posicionemos entre a elite mundial.

E a investigação não se decreta nem se anuncia: concretiza-se.

No âmbito do financiamento competitivo apenas focado na investigação, e tendo somente o quadro europeu como referência, no programa FP7 (2007-2013) a Universidade de Coimbra angariou 11,4M€ de financiamento competitivo. No programa que lhe sucedeu, o Horizonte 2020 (2014-2020), onde a Universidade de Coimbra foi a entidade portuguesa que autonomamente conseguiu o melhor resultado, foram

angariados 40,3M€ (quase quatro vezes mais do que no FP7). Concluídos apenas os primeiros dois (dos sete) anos do atual programa, o Horizonte Europa (2021-2027), a Universidade de Coimbra angariou já 32,3M€, correspondendo a cerca de três quartos do que conseguiu nos sete anos do Horizonte 2020 e mais de duas vezes e meia nos sete anos correspondentes ao seu antecessor, o FP7. Hoje, todas as Unidades Orgânicas têm projetos europeus em curso, coisa que há meia dúzia de anos parecia ser algo impensável.

Se nos focarmos naquilo que é realmente estratégico (Projetos e Atividades), verificamos que em 2015 o valor agregado em carteira pela UC rondava os 100M€, situando-se em 2018 num valor próximo dos 180M€, sendo que, no final de 2022, já íamos nos 360M€.

Se alternativamente nos quisermos focar na execução financeira, ao nível da receita anual em Atividades, Projetos e Investimento, passámos de 37,6M€ em 2018 para cerca 73M€ em 2022 (dados provisórios antes de fecho de contas).

No entanto, é preciso perceber que, quando se fala de investigação, o reflexo de todo este volume de financiamento não é visível no curto prazo, pelo que estamos sempre a projetar o médio e o longo prazo. Mas sim, é este o caminho que temos de percorrer se queremos integrar o pelotão da frente das Universidades de Investigação com expressão global. E uma Universidade de Investigação não é apenas uma Escola de Ensino Superior, independentemente da nomenclatura utilizada.

Como antecipei aquando da criação da UC Business no final de 2019, com estrutura definida e implementada, reestruturando a gestão da inovação, propriedade intelectual e empreendedorismo, entre outras valências, iríamos assistir a um virar de página na relação da UC com o mundo empresarial. Felizmente, a minha previsão veio a confirmar-se.

Desde a sua criação, a UC Business obteve certificação ISO 9001, estabeleceu cerca de 1300 interações com empresas e outras entidades, envolvendo todas as nossas Unidades de I&D, tendo contratualizado mais de 10M€ em projetos conjuntos com financiamento competitivo (PRR não incluído) e um valor acumulado de 7,5 M€ em prestação de serviços especializados. O mecenato recebido atingiu aproximadamente 1 milhão de euros.

No âmbito da Fase II de candidaturas das Agendas Mobilizadoras e Agenda Verdes para a Inovação Empresarial (PRR), foram aprovadas 64 agendas, sendo a Universidade de Coimbra copromotora em 20 delas, com um orçamento global ainda não totalmente estabilizado, mas que superará os 45M€ (IVA excluído).

São números e medidas muito significativas que nos conferem uma maior responsabilização no seio da atuação na UC, mas constituem sem dúvida uma capacitação fundamental para os anos vindouros, que não se esgotará apenas ao nível de quem trabalha na instituição. Os estudantes, como nossa razão de existência, também tiveram um foco especial neste mandato. A estratégia e visão que temos para a comunidade estudantil está bem expressa na criação do *Student Hub* e no novo relacionamento funcional entretanto gerado, ultrapassando largamente os 50 mil utilizadores e beneficiários durante a sua ainda breve existência.

Contudo, a preocupação com a comunidade estudantil não se prendeu única e exclusivamente com quem já percorre os corredores e bancos universitários. Talvez uma das ações que maior legado deixará para as próximas décadas é a forma como passámos a lidar com a atratividade da UC para futuros estudantes, sejam nacionais ou internacionais, ainda para mais num contexto complicado de inverno demográfico que se aproxima velozmente e de uma completa desregulação do sistema de ensino superior.

Não poupámos esforços para a mudança de paradigma, desenhando campanhas de *marketing* jovens e assertivas, concebendo prémios que valorizem e apoiem o percurso académico, estabelecendo parcerias com as comunidades escolares, participando em feiras ou eventos dinamizados pelos próprios territórios, abrindo as portas da UC ou mesmo produzindo projetos disruptivos, personalizados e *hands-on*.

O contributo do projeto *Living the Future Academy*, no âmbito do PRR, tem sido inestimável. Com o duplo objetivo de impulsionar a formação de jovens STEAM e de incentivar a capacitação de adultos, focando-se nos processos de *reskilling* e *upskilling* tão centrais para os profissionais devido às rápidas alterações do mercado de trabalho, as consequências deste inovador relacionamento com os territórios, em que temos a honra de contar com mais de oitenta concelhos da região centro, perdurarão muito para além de 2025.

Para que tudo isto seja possível, o desenho e desenvolvimento do edifício digital da UC desempenha um papel preponderante. Acelerado pela pandemia, mas de olhos postos no futuro, o desenvolvimento de plataformas tecnológicas proprietárias e a construção de salas de aulas capazes de responder a um hibridismo imersivo, irão colocar a UC nas tendências que conjugam as tão necessárias transições climática e digital, eliminando continuamente o papel e efetivando novos modelos pedagógicos.

Considero, por isso, que sementes estruturais foram plantadas para o futuro, existindo um impacto desde já mensurável, mas tendo a certeza de que o retorno será muito superior nos próximos anos, quando se der tempo ao tempo para que todo o potencial já existente consiga deixar a sua marca.

Todo o esforço efetuado para concretizar estas ações de preparação da UC não se deveu apenas ao facto de termos atravessado um passado recente conturbado e marcado por crises financeiras, sociais e de saúde. Diria mesmo que o fator mais preponderante é o conjunto de desafios que nos reserva já o dia de amanhã.

O primeiro e aquele que considero prioritário é o de consolidar a UC como uma Universidade de Investigação. Nada nem ninguém me irá retirar esse foco durante os próximos quatro anos.

Para atingir esse desiderato, entre outras matérias, destaco a necessidade de prepararmos convenientemente a avaliação das nossas Unidades de I&D que terá lugar a partir de setembro. Tenho a experiência de duas avaliações efetuadas pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Em ambos os casos melhorámos o nosso desempenho. Isso significa que aprendemos. No entanto, agora o desafio é ainda maior, porque estarão em causa os nossos cursos de doutoramento. Peço por isso a colaboração das Unidades Orgânicas e das Unidades de I&D para que seja feito um trabalho sistemático, organizado, cuidado e profissional.

Pelos números que já referi anteriormente (onde se incluem os provenientes do PRR), e numa estimativa grosseira, atrevo-me a dizer que no próximo quadriénio iremos ter um financiamento para investimento que não andarão longe do dobro daquele que dispusemos no mandato que ontem terminou. A sua execução exige uma disciplina acrescida, sendo certo que o impacto potencial dos projetos em carteira para o futuro da

UC é tremendo. Não haverá segunda oportunidade, pelo que o espaço para falhar é muito reduzido.

E não vamos falhar!

Paulatinamente temos vindo a proceder à preparação de projetos cuja maturidade nos vai permitir ter um *pipeline* para apresentar à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRCC). Nesta fase de transição entre quadros (PT2020 e PT2030), iremos concluir o UC Biomed. Já no PT 2030, iremos avançar logo que possível com a expansão do ICNAS e a construção da Sub-unidade 2+4 da Faculdade de Medicina. Estas obras serão acompanhadas pelo arranjo exterior do próprio Pólo III, conferindo-lhe a dignidade que merece.

O Centro Académico e Clínico de Coimbra (CACC), com o empenho relevante da nossa Faculdade de Medicina e do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), só pode ser uma prioridade para a cidade e para a região. Tendo sido recentemente auditado pela entidade responsável (AICIB – Agência de Investigação Clínica e Inovação Biomédica), depositamos muita esperança na sua atividade num futuro próximo. A articulação entre a nossa Faculdade de Medicina e o CHUC afigura-se fundamental para a afirmação da área da saúde. Com a conclusão da construção do UC Biomed, a expansão do ICNAS e a instalação definitiva de toda a Faculdade de Medicina no Pólo III, a própria proximidade geográfica irá alavancar toda a investigação biomédica e clínica, reunindo condições difíceis de encontrar mesmo à escala global.

A entrada em força da UC na economia azul é hoje uma realidade. A recente inauguração do Campus da UC na Figueira da Foz irá constituir-se como a porta de acesso ao mar. Temos de olhar para o mar percebendo o que ele nos pode dar e também aquilo que podemos fazer por ele. Espero que no espaço de 3 anos o Campus da Figueira da Foz seja já uma peça importante para a UC, e que no final da década se torne imprescindível. Não se trata apenas de ensino superior, ciência e tecnologia. O Campus da UC na Figueira da Foz é uma peça muito relevante naquilo que deve ser uma ambição de todos nós no sentido da criação de uma Região Metropolitana de Coimbra.

Celebra-se este ano o décimo aniversário da classificação da “Universidade de Coimbra, Alta e Sofia” como Património da Humanidade.

Creio ser consensual que, aproveitando a celebração desta efeméride, devemos dar um novo fôlego à forma como cuidamos do nosso património. Temos de encontrar um equilíbrio entre a preservação do património e a presença de turistas que pretendem legitimamente aceder a ele. Adicionalmente, não nos esqueçamos de que estamos a falar de edificado que continua a ser utilizado pela comunidade académica, paredes meas com quem nos visita. Impõe-se por isso que tenhamos a sensibilidade para perceber que se justifica a indignação de um Curador que olhe de forma independente e com conhecimento de causa para esta problemática. Estou certo de que com diálogo e bom senso a UC irá dar este salto qualitativo.

Ainda no âmbito da cultura, tenho o grato prazer de anunciar a criação de um *Cultural Hub*. Na linha do conceito já testado no *Student Hub*, a criação do *Cultural Hub* vem dotar a UC de uma área com forte centralidade artística.

A integração, em fevereiro de 2023, do Colégio das Artes na recém-constituída Rede Portuguesa de Arte Contemporânea veio juntar-se à credenciação do TAGV na Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses (ocorrida em 2021), tornando a UC na única universidade portuguesa a ter este tipo de equipamentos culturais reconhecidos pela DGArtes. Representam uma responsabilidade acrescida para a UC, mas vêm igualmente robustecer fortemente a sua capacidade para marcar o panorama cultural nacional, nas vertentes de produção artística, de capacitação de públicos, de investigação aplicada às Artes e de captação de financiamento competitivo. Ao agregar e potenciar todas estas valências, o *Cultural Hub* dotará a UC de uma intensidade artística sem paralelo no Ensino Superior em Portugal.

Relativamente a externalidades, iremos ter nos próximos anos em cima da mesa assuntos da maior relevância, como acontece com o denominado Emprego Científico. Sendo eu um apoiante incondicional de uma medida que valoriza e dignifica quem se dedica à produção de conhecimento, esse facto não me impede de estar expectante acerca do que irá acontecer quando se aproximarem os momentos do término e/ou renovação dos respetivos contratos. Acresce que, no entretanto, se criará um hiato geracional que dificultará a entrada de sangue novo no sistema.

E se a viabilização do Emprego Científico está estreitamente relacionada com o financiamento das instituições de acolhimento, então convirá ter presente que é intenção já tornada pública por parte da tutela proceder à alteração da fórmula de financiamento das Instituições de Ensino Superior já para aplicação no orçamento de 2024. Trata-se de um assunto de enorme sensibilidade, porque se cruzam ao mesmo tempo variáveis que convergem para uma tempestade perfeita. Estamos a sair de uma crise de saúde pública para entrar numa crise financeira devido à guerra na Ucrânia. Temos de resolver o problema do Emprego Científico. Iremos entrar no inverno demográfico anunciado. Desconhecemos onde nos levará o processo da criação dos Laboratórios Colaborativos. Tivemos recentemente alterações legislativas que permitirão aos Institutos Politécnicos passar a conferir o grau de Doutor e adotar denominação alternativa para uso externo, alegadamente para aumentar a sua atratividade e capacidade de internacionalização. O governo já indicou o grupo de trabalho que irá proceder à coordenação da revisão do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES), estando previsto para o final de 2024 a aprovação do diploma atualizado. Alterações no RJIES irão fazer alterar em cascata muitos outros diplomas legais. Acresce a tudo isto a desregulação existente no nosso país relativamente à distribuição geográfica das IES.

Tendo este cenário como pano de fundo, li com especial agrado as declarações do Senhor Presidente da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, sobre a defesa da integração da sua instituição na UC que, diga-se, corresponde a um sentimento recíproco. As sinergias entre as duas entidades são já hoje evidentes, como é disso exemplo o curso de doutoramento em Enfermagem, que teve o seu início neste ano letivo, e com ocupação total das vagas disponibilizadas.

Por tudo aquilo que referi anteriormente, o trabalho que nos espera só pode ser um exercício coletivo. Espero, por isso, ter uma colaboração ativa e profícua por parte das Unidades Orgânicas e Unidades de Extensão Cultural e de Apoio à Formação (UECAFs). Procurarei sempre incorporar nas minhas decisões o pulsar do Senado, órgão de coesão universitária por excelência. Terei seguramente no Conselho Geral um órgão de governo atento, mas cooperante. Será, aliás, com o Conselho Geral que, no escrupuloso cumprimento dos Estatutos da Universidade de Coimbra, o Reitor e a sua equipa irão desenvolver a sua atividade, nomeadamente na definição de orientações

estratégicas resultantes de uma avaliação colegial que se deseja transparente, responsável e mobilizadora.

Uma vez eleito pelo Conselho Geral, refiz a minha equipa tendo como base a experiência de um mandato profundamente exigente, a que se seguirá um novo mandato igualmente exigente. Tenho a esperança de que a exigência do mandato que agora se inicia tenha características diferentes da do anterior. E é com base nessas diferenças que entendi ser sensato proceder a ajustes que nos permitam enfrentar novos desafios, muitos deles já conhecidos e outros perfeitamente antecipáveis, e que necessitam de um desenho da equipa reitoral diferente da anterior, mesmo descontando todos os imponderáveis que tiveram lugar durante o mandato cessante.

Aos colegas que cessaram funções e que não transitaram para a nova equipa reitoral, queria aqui deixar uma palavra de genuíno agradecimento pessoal pelo trabalho desenvolvido. Estiveram sempre comigo nos bons e nos maus momentos. Lutaram e trabalharam para que tivéssemos atingido os nossos objetivos. A Universidade de Coimbra tem igualmente de lhes estar grata e desejar o melhor para o seu futuro pessoal e profissional.

Aos colegas que cessaram funções, mas que me irão acompanhar neste novo mandato, quero agradecer o imenso esforço que desenvolveram durante o mandato anterior e mostrar a minha gratidão pela generosidade de me terem aceite acompanhar neste mandato, dedicando tantos anos da vossa vida à defesa do interesse comum.

Aos colegas que agora ingressam pela primeira vez na equipa reitoral, quero agradecer o facto de terem aceite entrar nesta aventura, demonstrando a vossa coragem para enfrentar o desconhecido. Irão sentir todo o meu apoio e o dos colegas que transitam do mandato anterior, pelo que estou certo que irão cumprir com distinção as funções que irão abraçar.

Ao Reitor pede-se que tome boas decisões com argumentos sólidos, evitando impulsos emocionais. Os argumentos sólidos a que acabei de fazer referência resultam de muito trabalho e da conjugação de diferentes perspetivas. Para me apoiar nas tomadas de decisão e na operacionalização das políticas mais apropriadas para a materialização de uma estratégia clara para os destinos da Universidade de Coimbra, conto com uma equipa competente de colegas que passo a apresentar:

Vice-Reitorias:

- ▶ Doutor Luís Neves: Recursos Humanos, Financeiros e SASUC. Será ainda o Vice-Reitor que substituirá o Reitor nas suas ausências e impedimentos.
- ▶ Doutor Delfim Leão: Cultura, Comunicação e Ciência Aberta
- ▶ Doutor João Ramalho: Investigação
- ▶ Doutor Alfredo Dias: Património, Edificado e Turismo
- ▶ Doutora Cristina Albuquerque: Ensino e Atratividade
- ▶ Doutor João Nuno Calvão da Silva: Relações Externas e *Alumni*

Às Vice-Reitorias mencionados, juntam-se as seguintes Pró-Reitorias:

- ▶ Doutor Paulo Peixoto: Inovação Pedagógica
- ▶ Doutora Patrícia Pereira da Silva: Planeamento e Sustentabilidade
- ▶ Doutora Gabriela Fernandes: Empreendedorismo
- ▶ Doutor Nuno Mendonça: Campus da Figueira da Foz
- ▶ Doutora Filipa Godinho: Desporto
- ▶ Os pelouros da Inovação e da Qualidade ficam na alçada direta do Reitor.

Ser Reitor da Universidade de Coimbra é um desafio enorme, mas é simultaneamente uma honra imensa. Estou consciente das responsabilidades que sobre mim recaem, mas conto com toda a academia, sem exceção, para me ajudar a elevar ainda mais alto o prestígio desta secular Instituição.

Viva a Universidade de Coimbra.

Coimbra, Paço das Escolas, 01 de Março de 2023

O Reitor,

Amílcar Falcão